DO DESENHO DA ESCOLA À REPRESENTAÇÃO DE MIM: VESTÍGIOS DA REPRESENTAÇÃO DISCENTE SOBRE A INSTITUIÇÃO IFRN – CÂMPUS CAICÓ

Débora Suzane de Araújo Faria[1]

[1]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRN. e-mail: debora.faria@ifrn.edu.br

RESUMO

A pesquisa analisa as representações dos alunos do 1º ano dos cursos técnicos de nível médio na forma integrada sobre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – *Câmpus Caicó*, a partir da leitura dos desenhos produzidos por estes, conjugados aos relatos verbais dos mesmos no momento da pesquisa. As turmas elencadas para serem objeto da pesquisa foram as de Informática A1 e A2 e Eletrotécnica B1 e B2. O trabalho tem inicialmente o objetivo de apresentar um breve relato sobre a adolescência, assim como, realizar um diálogo teórico entre diversos autores como Becker (2003) e Piaget (2002) dentre outros, acerca do desenvolvimento do adolescente relacionado à escola e à sociedade na qual está inserido. Para tentarmos compreender como os adolescentes representam a escola fundamentamo-nos em Jodelet (2001) e, ainda, na Teoria das Representações Sociais, desenvolvida pelo Teórico francês Serge Moscovici. Baseados na Teoria das Representações Sociais tornou-se possível analisarmos os elementos de caráter concreto e simbólico através dos aspectos representacionais dos desenhos dos adolescentes alvo da pesquisa. Os dados para a pesquisa foram adquiridos a partir da coleta dos desenhos e através das entrevistas realizadas com dezesseis (16) adolescentes das turmas supracitadas, para que pudéssemos, então, investigar e fazer nossas considerações sobre como os adolescentes concebem a escola e como se percebem dentro da relação de ensino-aprendizagem. A pesquisa mostrou que entender como o adolescente concebe a escola em que estuda oportuniza uma avaliação acerca das representações sociais que existem no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: representação social, adolescentes, desenhos

INTRODUÇÃO

Buscando valorizar a concepção dos adolescentes sobre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Câmpus Caicó, surgiu o interesse em realizar uma pesquisa norteada pela visão destes através do desenho, o que não constitui numa tarefa fácil e ainda pouco referenciada por pesquisadores e instituições escolares.

Tal investigação, partindo do olhar dos adolescentes, buscou compreender e conhecer suas representações sobre a escola em que estão inseridos, por meio da produção dos seus desenhos. Com isso, visou contribuir para um melhor entendimento sobre a temática por parte dos professores e demais pessoas que se interessam pelo ensino médio numa tentativa de empenhá-los para realizarem outras iniciativas com trabalhos voltados para o ponto de vista dos adolescentes. Pouco se tem comentado sobre a produção de desenhos pelos adolescentes como uma forma de expressar os pensamentos, revelando seu jeito próprio de interpretar e representar o mundo, especialmente no que se refere à escola.

É a partir da análise dos desenhos produzidos e relatados por estes, que apresentaremos os dados da pesquisa. Podemos então questionar, qual será a representação destes adolescentes acerca da escola em que estudam? Como eles se percebem dentro da relação de ensino-aprendizagem?

Embasada nesse ângulo ainda pouco explorado, realizou-se uma pesquisa qualitativa fundamentada em bases teóricas que serviram de referência para uma melhor compreensão desse trabalho de pesquisa. Dentre as referências está a Teoria das Representações Sociais, a qual busca conhecer a maneira como as pessoas constroem seus conhecimentos e comportamentos a partir das relações interpessoais da vida cotidiana.

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

A pesquisa empírica desenvolveu-se com adolescentes entre 14 e 16 anos de idade, que fazem parte das turmas dos cursos técnicos de nível médio na forma integrada, do turno matutino. Para a coleta de dados, os adolescentes produziram desenhos representando a escola e participaram de entrevistas para relatar acerca dos desenhos. Com a intenção de obter mais informações para o estudo, também foram feitas observações *"in loco"* durante as aulas, visando facilitar o desenvolvimento da pesquisa.

2 A ADOLESCÊNCIA: "CRESCER PARA"

Conforme Becker (2003), o significado da palavra adolescência vem do latim *ad*: para + *olescere:* crescer; ou seja, crescer para. Prosseguindo em sua linha de raciocínio, afirma que o adolescente é um indivíduo em constante crescimento só estando conceituado como adulto quando adaptado adequadamente ao sistema, isto é, à estrutura social vigente.

A particular concepção de que a adolescência é um fenômeno universal é bastante hipotética. Há sociedades em que a transitoriedade do ser ainda criança para a fase adulta, se faz em escala; a criança recebe deveres e direitos de forma que chegue a ser adulto, sem sentir as aflições da conhecida "crise da adolescência". Existem, ainda, outras sociedades que exigem intensa força psíquica e física da criança, para que possa ter os direitos e deveres dos adultos, através dos chamados rituais de passagem. No entanto, em nossa realidade social, a adolescência está se transformando em um período cada vez mais extenso e complexo. Existe uma porcentagem considerável de jovens que passam imunes por esta fase transitória de nossa existência, quando muitos outros vêem na própria conceituação do "ser maduro"(adulto), uma fase cada vez mais ambígua e esfacelada.

Consoante Becker (2003), o adolescente tem a necessidade de inserção em algum grupo, pois sofre os dilemas de transição da infância para adolescência, encarando a todo instante, declarações do tipo: "você é bastante grande para isso", ou "você é bastante pequeno para aquilo", sentindo-se marginalizado tanto no universo adulto quanto no infantil. Nesse momento, o grupo o impulsionará a buscar sua adequada identidade dentro da conjuntura social. A conduta, o pensamento e os costumes dentro do grupo são de certa forma semelhantes. No momento em que a auto-imagem se transforma inflexivelmente, o jovem busca auxílio em grupo de amigos, uniformizando seus pensamentos e ações. Segundo a psicanálise, o grupo funciona como um suplente dos pais, lidando com aflições similares, servindo um companheiro de padrão para o outro. Conforme Becker, (2003, p.96) "O adolescente não é o futuro da pátria, nem a esperança do amanhã. Seu lugar é aqui, seu tempo é o presente, e sua vida lhe pertence para vivê-la da maneira que escolher".

2.2 O ADOLESCENTE NA ESCOLA: vivência e crescimento

Conforme Piaget (2002), a criança consegue pensar concretamente acerca do enigma à proporção que a realidade o indica, mas não consegue ligar suas conclusões a teorias universais, das quais se lançaria a princípio. Já o adolescente consegue obter soluções fora da realidade de seu cotidiano, tendo desenvoltura em preparar teorias abstratas.

Após os 11 ou 12 anos, é possível a construção do pensamento formal, as operações lógicas começam a ser levadas do plano de manipulação concreta para o das idéias anunciados em qualquer tipo de linguagem (palavras, símbolos matemáticos), porém sem a base da percepção, da experiência e da crença. Assim, o pensamento formal tem competência de concluir as soluções de puras suposições, sendo suas soluções aceitáveis, mesmo que autônomas de sua realidade. Por isso, que este tipo de pensamento necessita de um trabalho mental mais amplo que o pensamento concreto. E é só a partir desta faixa etária (11 a 12 anos) que o pensamento formal é capaz de estabelecer sistemas que configurem a adolescência. Conforme Piaget (2002, p. 60):

> As operações formais fornecem ao pensamento um novo poder, que consiste em destacá-lo e libertá-lo do real, permitindo-lhe, assim, construir a seu modo as reflexões e teorias. A inteligência formal marca, então, a libertação do pensamento e não é de admirar que este use e abuse, no começo, do poder imprevisto que lhe é conferido. Esta é uma das novidades

> essenciais que opõe a adolescência à infância: a livre atividade da reflexão espontânea.

Piaget (2002) também afirma que a inserção do adolescente na sociedade se faz, na maioria das vezes, desde o começo, com a relação dos jovens entre si, tendo como intuito o jogo em grupo ou, de vez em quando do trabalho concreto em comum. Os grupos de adolescentes são especialmente grupos de discussões, pois conforme Piaget (2002, p. 64): "a dois, ou em pequenos cenáculos, o mundo é reconstruído em comum, sobretudo através de discussões sem fim, que combatem o mundo real".

3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: aprender a interpretar o real através do imaginário

Diante de um mundo repleto de objetos, indivíduos e episódios sociais estamos sempre criando representações para simbolizar e interpretar os vários aspectos que envolvem o meio social. Para tentarmos compreender, neste estudo, como os adolescentes representaram a escola em que estão inseridos, vamos nos deter sobre a teoria das representações sociais que busca explicar a realidade partindo de uma dimensão histórico-crítica, ou seja, procura compreender a realidade de forma dinâmica, construída e partilhada coletivamente por indivíduos, numa tentativa de interpretar o real. Moscovici (apud OLIVEIRA, WERBA, 1998, p. 106) ao formular tal teoria declara que:

> Por Representações Sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum.

Desse modo, a teoria das representações sociais nos conduz para que possamos identificar e definir os objetos, as formas de comportamento, as decisões, dentre outras informações, possibilitando a construção de pensamentos que expressam a realidade, compreendendo-a ou questionando-a.

Jodelet (2001, p. 22) baseada na visão de Moscovici, caracteriza a representação social como "uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social".

As representações são, assim, formas simbólicas construídas através das interações entre o sujeito e o seu grupo social, que estabelecem condutas e formas de comunicação influenciadas pelas crenças populares adquiridas ao longo do convívio social.

De acordo com Alípio (2003, p. 79):

> As representações se tornam visões e práticas duradouras de sujeitos que estão investidos de crenças que as adotam para conceber o mundo, a si próprios e os outros, embora desconheçam a história dessas mesmas crenças e práticas.

Piaget (apud MOSCOVICI, 2009, p. 45) foi quem deu o primeiro passo para descobrir os processos internos e vitais das representações sociais de forma mais detalhada "quando ele estudou a representação do mundo da criança e sua investigação permanece até o dia de hoje, como um exemplo". Segundo Moscovici (2009, p. 301) as representações têm suas origens, mais especificamente, em duas instituições distintas: "a primeira, na escola ou no partido; e a segunda, no ambiente familiar. No processo de comunicação do professor ao aluno, essas representações se chocam e se transformam reciprocamente". Isso quer dizer que os conhecimentos do senso comum e os científicos se entrecruzam, facilitando uma maior abstração das representações de ambos. Portanto, as representações sociais "circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano". (op.cit, p. 10)

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Para melhor afirmarmos o papel da escola como um ambiente socializador pensado para promover um ensino sistematizado que desenvolve a identidade e a sociabilidade, objetivamos, neste artigo, analisar os desenhos dos adolescentes que representaram a escola em folhas de papel. Para escolher os educandos que fariam parte da pesquisa foram analisados o rendimento acadêmico, escolhendo-se os alunos cujas notas estavam abaixo e acima da média, para podermos analisar se os desenhos se relacionariam ao fiel desempenho destes em relação ao processo de ensino-aprendizagem. Respaldados pelos resultados das médias foram escolhidos 08 (oito) alunos do curso técnico de eletrotécnica e 08 (oito) alunos do curso técnico de informática que se mostraram receptivos, proporcionando um maior envolvimento entre a pesquisadora, o bolsista e estes que participaram da referida pesquisa. Para elucidar as informações referentes às médias do 2º bimestre dos adolescentes entrevistados disporemos dos dados abaixo:

TABELA 1: DISTRIBUIÇÃO DAS MÉDIAS NO 2º BIMESTRE DOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Eletrotécnica 1M

Alunos	Média
AE01	63,44
AE02	64,67
AE03	60,56
AE04	61,1

Eletrotécnica 2M

Alunos	Média
AE01	63,44
AE02	34,8
AE03	81,2
AE04	76,3

Informática 1M

Alunos	Média
AI01	88,4
AI02	85,4
AI03	54,10
AI04	90,33

Informática 2M

Alunos	Média
AI01	91,4
AI02	89,8
AI03	52,60
AI04	58.90

FONTE: Q-Acadêmico – IFRN – CAMPUS CAICÓ

O gráfico correspondente à **tabela 1** revela as médias dos alunos que serão associadas aos relatos orais e escritos e aos desenhos acerca de sua concepção sobre o IFRN – Campus Caicó.

A construção dos desenhos ocorreu no tempo destinado ao intervalo das aulas, sem a presença de profissionais da escola durante a realização dos mesmos. Dessa forma os alunos puderam expor seus pensamentos mais livremente, mostrando suas opiniões sobre a escola.

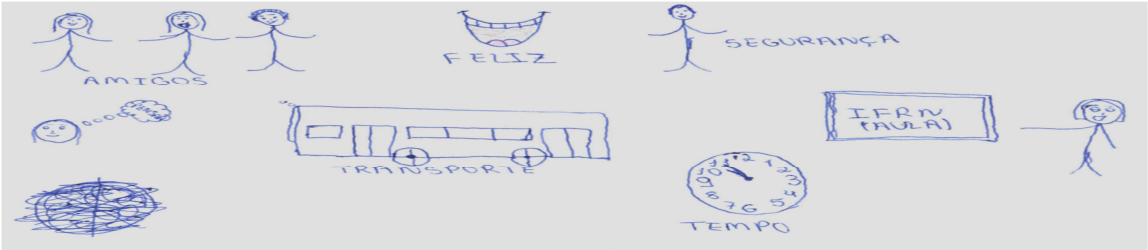
Sendo assim, a seguir explicitam-se os desenhos e a descrição oral dos alunos registrando a representação destes em relação à escola, preservando a identidade da pesquisadora, do bolsista e de cada um dos envolvidos na pesquisa. Para tanto, utilizaremos nomenclaturas fictícias abreviadas: “A.E.” referente ao Aluno de eletrotécnica, “A.I.” referente ao Aluno de informática e assim, sucessivamente, expondo análises e esclarecimentos fortalecidos com a base teórica.

Dos desenhos realizados pudemos “pinçar” várias informações sobre as concepções dos alunos com relação a sua escola, dentre as quais: a concepção da **sociabilidade**, do **conhecimento**, da **expectativa para o futuro** e da **disciplina.** A análise geral desses dados revelou alguns aspectos que necessitam ser discutidos no coletivo e redefinidos no cotidiano escolar.

Por meio de uma estrutura textual mais contextualizada, esses aspectos serão abordados de forma mais concisa nos tópicos a seguir:

4.2.1 – Sociabilidade :

A sociabilidade se desenvolve nos grupos de amigos, em espaços de lazer e diversão, mas também na escola, local institucionalizado para aprender o conhecimento. A turma de amigos se torna referência para a construção da identidade, pois é com essa turma que trocam idéias, afinam interesses comuns, buscam formas de se afirmar para o mundo adulto, criando um “eu” e um “nós” específicos. Por meio da sociabilidade, acontece uma dinâmica de relações que definem os amigos mais próximos e os mais afastados. A sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as "atividades", no ir-e-vir da escola, na invenção de espaços e tempos intersticiais, recriando um momento próprio de expressão da condição juvenil nos determinismos estruturais. Enfim, podemos afirmar que a sociabilidade, para os adolescentes, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade. Durante as observações dos desenhos, constatou-se a alusão à **sociabilidade**, como podemos refletir através dos desenhos abaixo.



Desenho 01: Concepção de Sociabilidade pela A.E.01(1M).

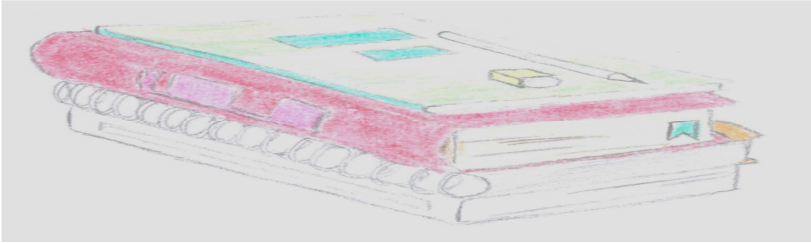
BECKER (2003), declara que o que ocorre no nível psicológico da relação do ser com o ambiente são modelos de conduta totalmente alteráveis, focalizando as diferentes culturas, os diferentes grupos sociais numa mesma cultura, e diferentes indivíduos inseridos num mesmo grupo. Segundo a psicanálise, o grupo funciona como um suplente dos pais, lidando com aflições similares, onde um companheiro serve de padrão para o outro experimentando e vivenciando juntos os mesmos conhecimentos, experimentos e descobertas. Estes alunos ressaltaram acerca da amizade e do companheirismo que vivenciam no grupo, como podemos perceber através dos seguintes depoimentos:

- “O meu desenho representa a alegria, a esperança o carinho e a amizade que recebo dos colegas e professores nessa escola, pois ela nos ensina de tudo, tem um bom atendimento e a pessoa não precisa se preocupar.” A.E.01(1M)

- “Para mim essa escola representa tudo, amizade, grupo de amigos e futuro.” A.E.02(1M).

O processo de internalização dos dados existentes na realidade exterior, que ocorre nas interações sociais, possibilita aos indivíduos e grupos a reprodução dessa realidade externa. Segundo Moscovici (2009, p. 26): “Essa reprodução implica em um remanejamento das estruturas, uma remodelação dos elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras”. Dessa forma, a representação social constitui um tipo de conhecimento que interfere no comportamento do indivíduo e no processo de comunicação consigo próprio, com o outro e com a sociedade.

4.2.2 - Conhecimento



Desenho 03: Concepção de conhecimento pelo A.I.01(2M).

Outra temática que nos chamou atenção foi a do **conhecimento** e esta se apresentou sob várias dimensões. Essa imagem dos objetos escolares coaduna com o que diz o teórico Serge Moscovici (2009, p.216) ao afirmar que:

> as representações sociais são sempre complexas e necessariamente inscritas dentro de um referencial de um pensamento preexistente; sempre dependentes, por conseguinte, de sistemas de crença ancorados em valores, tradições e imagens do mundo e da existência.

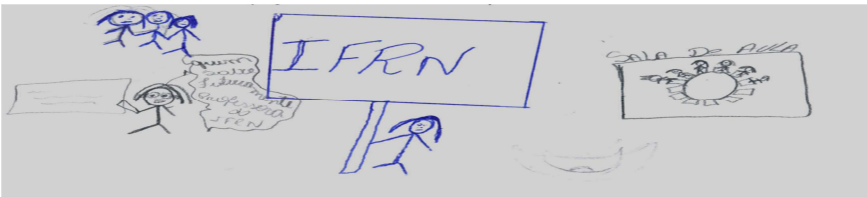
Podemos deduzir então, que a imagem do livro, caderno e, por conseguinte, objetos escolares, retrata esse sentimento através do seu uso.

4.2.3 –Expectativa para o futuro

Ao longo das discussões, pudemos identificar posturas bastante elucidativas com relação à escola: os estudantes assumiram uma posição bastante positiva com relação a instituição escolar, qualificando-a insistentemente – tal posicionamento foi apresentado por todos os alunos e, quando indagados, eles se referiram à expectativa quanto ao seu processo de inserção social e ao fato de a escola propiciar situações favoráveis ao seu futuro.

Desenho 04: Concepção de Futuro por A.I.03(2M).

- “Essa escola representa para mim algo de bom, útil na minha vida, pois quando eu terminar os meus estudos aqui, terei um bom desempenho no vestibular.”A.I.03 (2M).



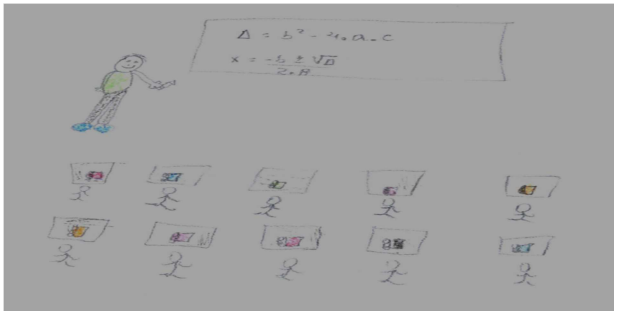
Desenho 05: Concepção de futuro pela A.E.03(1M).

- “Essa escola representa uma parte importante da minha vida, o meu futuro”. A.E.03(1M)

Podemos inferir que as falas e os desenhos dos alunos expostos acima registram seus pensamentos, desejos e aflições construídos a partir do convívio social, particularmente no âmbito escolar. De acordo com Piaget (apud SEBER, 1997, p. 91) "o papel do sujeito na construção dos seus conhecimentos não se restringe a construir uma linguagem adequada e imagens conforme o original". Conforme Moscovici (2009), representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo.

4.2.4 – Disciplina

A adolescente A.I.03 ao representar a escola utilizou a simbologia do quadro negro com as lições escritas em sua lousa, em seguida desenhou a(o) professor(a) e os colegas sentados nas carteiras em fila hierárquica. O quadro negro representa a "janela" onde são escritas as lições, o conhecimento, as regras, as normas de convivência e os combinados. Questões ligadas à disciplina, à ordem, enfim, normas existentes nas instituições e de necessária aplicação quando nos referimos à formação de condutas. Podemos compreender que esta adolescente tem fortemente enraizada a visão disciplinar.



Desenho 06: Concepção de Disciplina pela A.I.03(1M).

- "Essa escola representa o meu futuro, novos amigos, novos conhecimentos e até nova vida". A.I.03

Através do seu desenho pudemos inferir ainda acerca da importância que a aluna dá a professora(or) ou seja, o papel que esta desempenha se integra à idéia de escola, ocupando uma posição de destaque. Acreditamos ser indiscutível a função do professor na vida dos alunos e para a instituição escola, pois, a existência desta depende da relação entre o professor e o aluno.

CONCLUSÕES:

Neste trabalho, discutimos as representações dos adolescentes sobre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Campus Caicó, a partir da análise dos desenhos construídos e relatados por eles próprios. Para tanto, foi imprescindível estudar a Teoria das representações Sociais e os pressupostos teóricos das abordagens de Piaget, Moscovici, Becker, dentre outros, como uma fundamentação teórica para se obter um melhor entendimento sobre a pesquisa.

Consideramos que desenvolver este trabalho com os adolescentes, investigando suas representações sobre a referida escola, mostrou-se, para nós, desafiador. Sem dúvida, a falta de uma bibliografia disponível que leve em conta o desenho dos adolescentes como um modo de representação e expressão, de certa forma, dificultou a decorrência da pesquisa, pois a maior parte das referências encontradas se destinam a formular fases ou conceitos para explicar o desenvolvimento do desenho.

Todavia, o contato com os adolescentes e seus desenhos conjugados a descrição oral dos mesmos, permitiu-nos investigar e buscar compreender como esses representam a escola. Todos os desenhos e depoimentos dos alunos reafirmam as representações que temos da escola, enquanto aquela instituição onde acontece aprendizagem, socialização, diversão, local onde adquirimos referências para nossas atitudes e vidas futuras. Diante do que foi exposto nas falas dos alunos pudemos inferir que a

escola concebida dessa forma fundamenta uma visão progressista dela, pois foge das questões negativas que comumente podem estar enraizadas em outras teorias. Essa concepção de escola coaduna com o pensamento de Jales Costa (1998, p.237), que enfatiza que "Estas representações contrariam frontalmente certas teorias reprodutivistas, que apontam para a escola como um local de segregação." Ainda, conforme a autora (1998), a escola possui naturalmente, normas, leis, regulamentos, códigos. Contudo, a pesquisa concluiu que os adolescentes parecem não representar isto pudemos perceber que estes se encontram na média ou acima da média, demonstrando que estão bem dentro da relação de ensino-aprendizagem.

É com base nestas representações sobre a escola, que julgamos ser de vital importância dar mais a palavra aos adolescentes, escutar e respeitar sua fala, seus pensamentos, seus sentimentos, seus desenhos buscando práticas políticas e ações sociais, além da nossa prática diária em sala de aula, na tentativa de assegurar e oferecer uma educação digna que proporcione dentre outras coisas a arte e a livre expressão nas diversas formas de representações de todos os adolescentes, independentemente da raça, cor ou classe social.

Diante disso, queremos deixar claro que as deduções e considerações que apresentamos em nossas análises não são definitivas ou acabadas, pois a temática em questão é muito abrangente e exige um maior aprofundamento para que se possam tirar conclusões mais seguras. Portanto, este trabalho de iniciação científica está aberto a uma continuidade, com novos questionamentos e reflexões diante do objeto de estudo.

REFERÊCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BECKER, Daniel. **O que é adolescência?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

2. JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

3. JALES COSTA, O. M. **Representações sociais de crianças de 7/8 anos sobre suas Professoras:** "O Reverso da Medalha". 1998. 415 f. Tese (Doutorado em Educação).Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 1998.

4. MINAYO, Maria C. de S. O conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia clássica. In: JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho (orgs.). **Textos em Representações Sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

5.MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 6ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

6. OLIVEIRA, F. O. de; WERBA, G. C. Representações sociais. In: STREY, M. N. et al. **Psicologia Social Contemporânea.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

7.PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24 ed. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 57 – 65.

8.PILETTI, Nelson. **Sociologia da Educação.** 11 ed. São Paulo: Ática, 1991.

9.SOUZA FILHO, Alípio de. Cultura, ideologia e representações. In: CARVALHO, Maria do Rosário et al. **Representações sociais:** teoria e pesquisa. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 2003.